

Literatura e arte: escritos de artistas, expressões de palimpsestos

Nesta edição, a *Palimpsesto* – revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – apresenta o Dossiê “Literatura e arte: escritos de artistas”, volume 23, número 45. Pela primeira vez em sua trajetória, uma edição da revista contou com a organização feita por dois convidados: Márcia Cristina Fráguas – doutoranda em Teoria da Literatura pela UERJ e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – e Vinícius Rangel Bertho da Silva – doutorando em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – foram os responsáveis por este trabalho.

Canteiro de obras de outros trabalhos, escritos íntimos, memorialismo, ponto de confluência entre o fazer literário e a crítica? Que estatuto, afinal, os escritos de artistas ocupam hoje para os estudos literários? A produção escrita de artistas suscita discussões sobre de que como se dá uma reflexão acerca das obras – anotações em diários, confissões íntimas, memórias – e de como o discurso artístico se expande para além dos limites da própria obra em si.

No livro *Gesto Inacabado – processo de criação artística*, Cecília Almeida Salles nos oferece um panorama esclarecedor sobre a natureza do artista e que merece a nossa atenção:

O artista não é [...] um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhes oferecendo, porém se alimentam do tempo e espaço que envolvem sua produção (Salles, 2007, p. 38).

Os textos que compõem este dossiê transitam entre a literatura e outras artes, como a canção, as artes plásticas, os diários íntimos, passando pelos territórios da autoficção, tradução e crítica literária. Todos os trabalhos apresentam pontos de convergência: são artigos que apontam, cada um a seu modo, a escrita inserida em um contexto de *processo*. Isto posto, o público-leitor desta edição da revista *Palimpsesto* terá a oportunidade de vislumbrar como artistas de diferentes matizes transitam entre o artístico e a reflexão acerca do próprio fazer artístico entre si.

As entrevistas que compõem o presente dossiê tratam sobre escritos de artistas que se evidenciam como um campo de entrelaçamento entre crítica, tradução e fazer literário. Em “À

maneira de um palimpsesto – Os diários de Virginia Woolf’, a professora, tradutora e pesquisadora nos estudos woolfianos Ana Carolina Mesquita nos conta um pouco sobre sua experiência na pesquisa e tradução dos diários de Virginia Woolf para a editora Nós. Mesquita sublinha que os diários são a grande obra modernista da escritora inglesa, ao mesmo tempo, obra em si e canteiro de outras obras e reflexões estéticas.

Logo na abertura da entrevista concedida especialmente para a *Palimpsesto*, Ana Carolina Mesquita justificou um dos motivos da escolha do seu *corpus* de pesquisa:

Outro motivo que me levou ao diário foi o fato de ele, de muitas maneiras, poder ser considerado a grande obra modernista de Virginia, no sentido de que de fato engloba o ínfimo e o magistral lado a lado, sem hierarquias; de que é uma obra antes de tudo preocupada com o tempo e como representá-lo; de que se centra em modos de representação do real tal como percebidos também pelos movimentos da interioridade dos narradores e não apenas com as exterioridades dos acontecimentos, levando uns a repercutirem nas outras; de que isso tudo se reflete nos recursos de linguagem e de forma que são empregados. Virginia fez de seu diário um grande campo de testes para outras obras, mas, acima de tudo, fez dele uma obra magistral em si nesse sentido (Mesquita, 2024, p. 28).

Em “Como lamber a língua de Roland Barthes”, a escritora e professora Paloma Vidal nos conta o que aprendeu com o crítico francês sobre escrita. Em seu livro recém-lançado pela editora Tinta-da-China, Vidal investiga “tudo que se escreve quando não se escreve” a partir dos textos de Roland Barthes, autor de uma prolífica obra crítica, mas que logrou postergar a escrita de um desejado romance. Ao aproximar sua voz da dicção barthesiana, a autora investiga o próprio fazer literário, associando, ao modo de Barthes, a reflexão crítica e a poesia:

Essa protelação que vocês mencionam foi o início de uma reaproximação com a obra do Barthes – que eu li bastante no início da minha formação, como estudante de Letras –, porque me comoveu e me inquietou o fantasma da paralisia e do fracasso, ligado a um momento de luto (Vidal, 2024, p. 17).

No decorrer do trabalho que abre a seção de Estudos de Literatura, “Um corpo entre a palavra e a imagem: literatura e artes plásticas no diário íntimo de Frida Kahlo”, Erika da Silva Santos analisa as anotações feitas entre os anos de 1940 e 1950 no diário íntimo da autora de *O Veado Ferido* (1946) com foco nos elementos que constituem o corpo-textual da literatura e das artes plásticas. Silva Santos salienta que a artista subverteu o diário como gênero ao promover uma reflexão interartes, o que redimensiona Frida Kahlo não apenas como artista, mas também como uma das maiores mulheres de seu tempo.

O artigo “Dos quadros às narrativas, das narrativas aos quadros: um diálogo entre Frida Kahlo e Clarice Lispector”, de Gabriele Costa Visna, também se inscreve nos estudos de

literatura comparada. Ao promover o diálogo entre a pintura e a literatura, Costa Visna apontou como as duas autoras lançaram mão dos gestos de escrever e de pintar e optaram por correr riscos ao se aventurarem por uma seara a qual elas não originalmente pertenciam – no caso de Kahlo, a escrita; no caso de Lispector, a pintura. Por fim, o conceito de “livro de artista” foi aplicado pela autora como metodologia de análise para que os leitores pudessem identificar as confluências entre as obras de Frida e Clarice.

“A representação artística de corpos vulneráveis durante a Ditadura militar em “Celas - 21”, de Lara de Lemos, e “Situação T/T1”, de Artur Barrio”, texto assinado por Gustavo Oliveira dos Santos, é fruto de um estudo que promoveu o diálogo da literatura com as artes visuais, tendo como contexto histórico a corporeidade e a subalternização dos sujeitos ocasionados pela Ditadura militar que assolou o Brasil entre 1964 e 1985. Oliveira dos Santos escolheu um poema e uma apresentação de arte-performance – “Celas - 21” (Lara de Lemos) e “Situação “Situação T/T1” (Artur Barrio) – para demonstrar como o regime autoritário promoveu situações de barbárie perante aqueles que se rebelaram contra a ausência de possibilidades de expressão diante da falta de democracia e conscientizar os seus interlocutores a respeito da importância de termos o engajamento político necessário por meio de diferentes linguagens da arte.

Em “Apontamentos para uma crítica textual de *O interior da matéria*, de Joaquim Cardozo e Roberto Burle Marx”, Yael Fernando Carvalho Torres salientou a importância da parceria entre Cardozo, um engenheiro estrutural de renome, e o arquiteto e paisagista Burle Marx. O diálogo entre literatura e paisagismo, além de ser uma seara pouquíssimo abordada entre nós, é explorado pelo autor com o intuito de democratizar uma obra pouco conhecida por parte da crítica e do público, apesar de sua circulação limitada e da existência de exemplares que são comercializados a altos custos. Para exemplificar o sucesso de um casamento tão improvável, Carvalho Torres realizou uma leitura crítica de dois poemas e duas gravuras de *O interior da matéria*, cuja primeira edição data de 1975.

O trabalho “Ser ou não ser poeta? Reflexões sobre o lugar da poesia na produção de Roberto Bolaño” é fruto de uma provocação recorrente proposta por um dos maiores expoentes da literatura chilena: o autor de *2666* sempre fez questão de se afirmar como um poeta (e não como prosador) em diversas de suas aparições públicas. Rubens Corgozinho se propôs a examinar a importância da poesia para a obra de Bolaño, ao ressaltar que as narrativas do autor recebem maior atenção por parte da crítica literária especializada e da existência de diferenças estruturais marcantes entre as formas literárias exploradas por um dos maiores autores da literatura de expressão latino-americana. Vale ressaltar que a discussão foi fruto de uma

mobilização de alguns textos que compõem a fortuna crítica da obra de Roberto Bolaño, além do pensamento de autores de trabalhos sobre poesia.

No campo da canção, há dois trabalhos bastante significativos para os estudos da canção e da importância da música brasileira como uma expressão de criatividade e resistência no decorrer da Ditadura militar: “Uma narrativa de esquina: *Os sonhos não envelhecem*, de Márcio Borges”, de Rafael Julião, e “Cantar a infância, viver a morte, narrar o pesadelo: as memórias da Ditadura militar brasileira nas narrativas e na canção de Caetano Veloso”, de Hermille Perdigão.

Rafael Julião investiga de que modo, no livro *Sonhos Não Envelhecem*, de Márcio Borges, os gêneros textuais se hibridizam entre a autobiografia, o memorialismo e o romance (ao mesmo tempo, de formação e geração) e fixam a história do Clube da Esquina durante os anos da Ditadura militar. Além disso, Julião fez uma análise bastante pertinente do livro e ressalta que o prefácio da referida obra, assinado por Caetano Veloso, é significativo para reconhecer o movimento como um dos mais importantes da música brasileira. Ainda sobre esse mesmo período histórico, Hermille Perdigão investigou as memórias da Ditadura militar nas narrativas e canções de Caetano Veloso, a partir da canção “It’s a long way”, de *Transa* (1972), o segundo disco gravado pelo compositor em seu exílio londrino imposto pelos militares, e que já prenunciava seu retorno ao Brasil. Com o intuito principal de ilustrar como se deu tamanho testemunho marcado pela dor e pelo trauma causados pela repressão, a autora recorre a *Verdade Tropical*, livro de memórias lançado por Caetano em 1997 (30º aniversário da Tropicália), e a textos em prosa publicados pelo cantor e compositor na imprensa daquela época.

Os dois últimos textos deste dossiê se aventuram pelo campo da narrativa: “A arte de narrar no mundo moderno: uma leitura do conto ‘Natal na barca’, de Lygia Fagundes Telles”, de Bárbara Maria Nunes Pereira Carneiro e Alessandra Leila Borges Gomes Fernandes, e “Fetichismo e adultério em *Alma*, de Oswald de Andrade”, de Bárbara Del Rio Araújo. Carneiro e Fernandes apresentaram uma leitura de um dos textos mais conhecidos da “dama da literatura brasileira”, com base no pensamento de Walter Benjamin, estabelecendo uma relação entre as personagens do conto e a arte de narrar, tal qual postulado pelo pensador alemão Nikolai Leskov – no conto “A alexandrita” –, na ilustração de um caso de um narrador genuíno. Por outro lado, Araújo se debruça sobre *Alma*, novela que compõe a primeira parte de *Os condenados*, publicada por Oswald de Andrade em 1922. A autora teve como foco principal, em seu artigo, a maneira como o adultério se configurou por meio do que ela considera como um fetichismo – fruto de uma modernização conservadora – para compreender a essência do pensamento crítico de um dos principais expoentes do nosso modernismo. Não

menos importante, o trabalho destaca a relevância de Patrícia Rehder Galvão (a Pagu) para a guinada estética e ideológica de Oswald ao comunismo e suas premissas – tal atitude foi de caráter crucial para a inauguração de uma nova fase da obra de um dos escritores mais importantes da literatura brasileira.

Em síntese, o trabalho final que está diante dos olhos da comunidade acadêmica e demais interessados pelos estudos literários é fruto de um esforço coletivo marcado pela intensidade, pelo compromisso e (acima de tudo) pela cumplicidade. Os organizadores convidados deste dossiê gostariam de agradecer profundamente a todos que contribuíram com a divulgação da chamada para artigos, às autoras e autores de trabalhos enviados, aos pareceristas que se prontificaram a realizar leituras críticas dos artigos e às editoras da *Palimpsesto* – com carinho especial estendido à Carla dos Santos e Silva Oliveira pela empatia, pelo carinho e pela paciência conosco.

Desejamos a todos que façam uma boa viagem pelos escritos de artistas e expressões de palimpsestos reunidos aqui, com o sabor da *sapientia* belamente ilustrada por Roland Barthes em sua magistral *Aula*: que o ato de ler seja um exercício de “*nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível*” (Barthes, 2000, p. 47 – grifos nossos).

Boa leitura!

Atenciosamente,
Márcia Cristina Fráguas e Vinícius Rangel Bertho da Silva

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 8.^a ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

MESQUITA, Ana Carolina. “À maneira de um palimpsesto – Os diários de Virginia Woolf: uma entrevista com Ana Carolina Mesquita”. *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 23(45).

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 3.^a ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2007.

VIDAL, Paloma. “Como lambar a língua de Roland Barthes: uma entrevista com Paloma Vidal”. *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 23(45).

Márcia Cristina Fráguas: Bacharela e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (2016). Mestra em Literatura Brasileira (2021) pela Universidade de São Paulo com a dissertação “It's a long way: poética do exílio na obra de Caetano Veloso (1969-1972)”. Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2002), com especialização lato-sensu em Cinema pela PUC-MG (2004). Trabalha com crítica e ensaio, tendo colaborado com diversas publicações, dentre elas *Revista Opiniões* (USP), da qual fez parte do corpo editorial, *Contrapulso Revista Latino-americana de estudos de música popular*, para a qual editou o Dossiê “Discos do Exílio” com os pesquisadores Rodrigo Pezsonia e Sheyla Diniz, entre outras. Atualmente é doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ, contando com uma bolsa de estudos concedida pela CAPES. E-mail: mcfraguas@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0487-260X>.

Vinícius Rangel Bertho da Silva: Doutorando pelo programa de Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista nas áreas de Jornalismo Cultural, Educação e Linguística Aplicada. É licenciado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). É professor da Educação Básica há mais de 20 anos, com atuação em escolas regulares e institutos de idiomas. Desde 2017, é professor efetivo da Rede Municipal de Educação (RME-SP) e autor do livro *O doce & o amargo do Secos & Molhados* (Ed. Terceira Margem, 2015). E-mail: yinnieprof@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2635-1215>.